

O Sorteio

Shirley Jackson

(Tradução Juliana Amato)

A manhã de 27 de junho estava clara e ensolarada, convidativa como um dia de verão. As flores se abriram abundantes e os gramados eram verde-reluzentes. Os moradores do vilarejo começaram a se reunir na praça principal, entre o correio e o banco, por volta das dez. Outras cidades eram tão populosas que o sorteio levava dois dias e precisava começar no dia 26 de junho, porém, neste povoado, onde viviam apenas trezentas pessoas, todo o processo durava cerca de duas horas, de modo que poderia iniciar às dez da manhã e as famílias voltariam a tempo para o almoço.

As crianças, é claro, chegaram primeiro. As férias de verão haviam começado há pouco, e a sensação de liberdade ainda não era natural para a maioria delas: como de costume, reuniam-se silenciosas antes de explodir em brincadeiras, e os assuntos recorrentes eram a sala de aula, a professora, os livros e as broncas. Bobby Martin já enchera os bolsos com pedras, e logo os outros garotos seguiram o seu exemplo, escolhendo as mais lisas e redondas. Bobby, Harry Jones e Dickie Delacroix — os moradores pronunciavam “Delacrói” — já haviam montado uma grande pilha de pedras em um canto da praça e a protegiam dos ataques dos outros garotos. As meninas mantinham-se afastadas, conversando entre si, observando os meninos de rabo de olho, e as crianças menores rolavam no chão empoeirado ou penduravam-se nas mãos de seus irmãos e irmãs mais velhos.

Logo os homens começaram a se aproximar, observando os próprios filhos, conversando sobre o plantio e as chuvas e tratores e impostos. Permaneciam unidos, afastados da pilha de pedras no canto da praça, fazendo piadas silenciosas e sorrindo, em vez de rir abertamente. As mulheres, com seus vestidos e suéteres desbotados, vinham logo em seguida. Cumprimentavam-se e trocavam comentários graciosos enquanto iam se

juntar a seus maridos. Ao lado deles, começavam a chamar seus filhos, e os filhos se aproximavam com relutância, após ouvirem seus nomes quatro ou cinco vezes. Bobby Martin se esquivou das mãos de sua mãe e correu, gargalhando, de volta para a pilha de pedras. Seu pai o chamou com firmeza e Bobby se aproximou rapidamente, tomando o lugar entre o pai e o irmão mais velho.

O sorteio era comandado — assim como os bailes, o grupo de jovens e a programação de Halloween — pelo sr. Summers, que dispunha de tempo e energia para dedicar às atividades coletivas. Tinha o rosto redondo e jovial e administrava a carvoaria. As pessoas tinham pena dele, pois o sr. Summers não tinha filhos e sua esposa era muito rabugenta. Quando chegou à praça, carregando a caixa preta de madeira, os moradores conversavam por sussurros, até que ele gritou, acenando: “Um pouquinho atrasado hoje, pessoal”. O gerente dos correios, sr. Graves, vinha atrás dele, carregando um banquinho de três pés, que foi colocado no meio da praça e sobre o qual, em seguida, o sr. Summers apoiou a caixa preta. Os moradores mantinham distância, deixando um espaço entre onde estavam e o banco, e quando o sr. Summers perguntou: “Ei, algum de vocês pode me dar uma mão?”, dois homens, meio hesitantes — o sr. Martin e seu filho mais velho, Baxter —, avançaram para segurar a caixa sobre o banco enquanto o sr. Summers misturava os papéis ali dentro.

Os objetos originais do sorteio haviam se perdido há muito tempo, e a caixa preta sobre o banco fora colocada para uso ainda antes do nascimento do velho Warner, o habitante mais idoso do vilarejo. O sr. Summers frequentemente comentava com os colegas sobre a necessidade de construir uma caixa nova, mas ninguém ousaria quebrar a tradição representada pela caixa preta. Dizia a lenda que aquela caixa havia sido produzida com pedaços da caixa que a precedera — a mesma que fora construída quando os primeiros habitantes decidiram estabelecer-se ali e fundar uma cidade. Todo ano, depois do sorteio, o sr. Summers puxava o assunto da nova caixa, e todo ano esse assunto deixava-se morrer sem que nada fosse feito de fato. Assim, a caixa preta estava cada vez mais desgastada; e já nem era mais totalmente preta,

com um lado todo lascado revelando a cor original da madeira e manchas desbotadas por toda a superfície.

O sr. Martin e seu filho mais velho, Baxter, seguravam a caixa com firmeza sobre o banco enquanto o sr. Summers misturava cuidadosamente os papéis com as mãos. Como o ritual original já havia sido esquecido ou ignorado, o sr. Summers não teve problemas em substituir por tiras de papel as ripas de madeira usadas por gerações e gerações. As ripas de madeira, argumentou o sr. Summers, eram muito adequadas para quando o vilarejo ainda era pequeno, mas agora que a população está em mais de trezentos habitantes, e não pára de crescer, seria necessário usar algo que coubesse facilmente na caixa. Na noite anterior ao sorteio, o sr. Summers e o sr. Graves fizeram as tiras de papel, colocaram-nas na caixa e levaram tudo para o cofre na carvoaria do sr. Summers, mantendo a caixa em segurança até que o sr. Summers estivesse pronto para levá-la à praça na manhã seguinte. A caixa já havia passado um ano no celeiro do sr. Graves e outro ano nos correios, e algumas vezes fora deixada no estoque da Merceria Martin.

Havia muito o que organizar antes que o sr. Summers pudesse declarar aberto o sorteio. As listas precisavam ser feitas — listas dos chefes de cada família e dos membros que faziam parte de cada família. Havia o juramento do sr. Summers diante do chefe dos correios, como responsável pelo sorteio. Antigamente, como lembravam alguns, havia uma espécie de recital apresentado pelo porta-voz, um canto breve e dissonante que fora repetido de memória ano após ano. Algumas pessoas acreditavam que o responsável pelo sorteio deveria ficar parado durante a entoação do canto, outras achavam que ele deveria caminhar entre o povo, mas fazia tempo que permitiram-se pular aquela parte. Havia também uma saudação ritual que o porta-voz deveria fazer para cada um que fosse pegar um papel da caixa, mas isso também mudou com o tempo, e hoje bastava apenas falar com cada um que se aproximasse. O sr. Summers era muito bom nisso; em sua camisa branca limpíssima e calças jeans, com uma mão repousando descuidada sobre a caixa preta, parecia adequado e imprescindível em sua conversa sem-fim com o sr. Graves e com os Martin.

Quando sr. Summers enfim parou de falar e se virou para os moradores reunidos, a sra. Hutchinson chegou correndo em direção à praça, com o suéter jogado sobre os ombros, e freou num ponto atrás da multidão. “Simplesmente esqueci que dia é hoje”, disse à sra. Delacroix, que estava a seu lado, e as duas riram baixinho. “Pensei que o meu marido estivesse lá fora cortando madeira”, continuou, “olhei na janela e não vi as crianças, lembrei que era dia vinte e sete e vim o mais rápido que pude”. Enquanto a sra. Hutchinson secava as mãos no avental, a sra. Delacroix a tranquilizou: “você não está atrasada. Eles ainda estão conversando lá na frente”.

A sra. Hutchinson esticou o pescoço para procurar seu marido e seus filhos através da multidão. Tocou o braço da sra. Delacroix para se despedir e foi abrindo o caminho. As pessoas afastavam-se amistosas para deixá-la passar; duas ou três pessoas disseram, num volume suficientemente alto para ser ouvido do outro lado, “Aí vem a sua senhora, Hutchinson”, e “Bill, ela conseguiu, no fim das contas”. A sra. Hutchinson alcançou o marido e o sr. Summers, que esperava, disse gracioso: “Pensei que teríamos de iniciar sem você, Tessie”. Sorridente, a sra. Hutchinson respondeu: “Eu não deixaria a pia cheia de louças num momento como esse. Você deixaria, Joe?”. Um riso suave espalhou-se entre a multidão enquanto as pessoas se reposicionavam depois da chegada da sra. Hutchinson.

“Bem, agora”, iniciou o sr. Summers, com gravidade, “é melhor começarmos logo, resolvermos isso de uma vez e voltarmos ao trabalho. Está faltando alguém?”.

“Dunbar”, responderam alguns. “Dunbar, Dunbar.”

O sr. Summers deu uma olhada na lista. “Clyde Dunbar”, exclamou. “Está certo. Ele quebrou a perna, não? Quem irá sortear para ele?”

“Acho que eu”, respondeu uma mulher, atraindo o olhar do sr. Summers. “Você não tem um filho mais velho que possa fazer isso para você, Janey?” Embora o sr. Summers e todo mundo no vilarejo soubesse a resposta, era preciso que o porta-voz do sorteio fizesse essas perguntas formalmente. Sr. Summers aguardou a resposta da sra. Dunbar com educado interesse.

“Horace ainda nem chegou aos dezesseis anos”, disse a sra. Dunbar, num

lamento. “Acho que desta vez eu farei o papel de chefe da família.”

“Certo”, respondeu o sr. Summers. Consultou mais uma vez a lista que estava segurando. E perguntou: “O menino Watson irá sortear esse ano?”

Um rapaz alto levantou a mão. “Aqui”, disse. “Vou sortear pela minha mãe e por mim.” Piscou os olhos nervosos e abaixou a cabeça enquanto vozes na multidão diziam coisas como “Bom garoto, Jack”, e “Que bom que a sua Mãe tem um homem que faça isso por ela”.

“Bem”, retomou o sr. Summers, “acho que estão todos aqui. O velho Warner chegou?”.

“Aqui!”, respondeu uma voz, e o sr. Summers assentiu.

Um silêncio repentino caiu sobre a multidão quando o sr. Summers limpou a garganta e olhou para a lista. “Todos prontos?”, gritou. “Agora, lerei os nomes — primeiro os dos chefes de família — e eles devem vir até aqui e pegar um papel de dentro da caixa. Mantenham os papéis fechados em suas mãos sem olhá-los até que todos já estejam com os seus. Está claro?”

As pessoas haviam feito isso tantas vezes que apenas parte delas prestou atenção nas instruções. A maioria estava silenciosa, mordida os lábios e não olhava em volta. Sr. Summers então levantou a mão e falou: “Adams”. Um homem se soltou da aglomeração e apresentou-se. “Oi, Steve”, cumprimentou sr. Summers, ao que o sr. Adams respondeu: “Oi, Joe”. Trocaram sorrisos sem-graça. Então o sr. Adams esticou o braço para dentro da caixa preta e puxou uma tira de papel dobrada. Segurou-a firmemente por um instante enquanto virava-se e voltava com pressa ao seu lugar, onde parou um pouco afastado da família, sem sequer olhar sua mão.

“Allen”, disse o sr. Summers. “Anderson... Bentham.”

“Parece que o tempo não passa mais entre os sorteios”, disse a sra. Delacroix à sra. Graves, na última fila. “Parece que o último foi há uma semana.”

“O tempo voa”, respondeu a sra. Graves.

“Clark... Delacroix.”

“É a vez do meu marido”, disse a sra. Delacroix, segurando a respiração enquanto o esposo abria caminho.

“Dunbar”, chamou o sr. Summers, e a sra. Dunbar avançou firmemente na direção da caixa enquanto outra mulher dizia, “Força, Janey”, e outra: “Lá vai ela”.

“Somos os próximos”, disse a sra. Graves. Ela observou enquanto o sr. Graves chegou perto da caixa, cumprimentou o sr. Summers solenemente e tirou um papel de dentro dela. Àquela altura, em meio à multidão, muitos homens seguravam tiras dobradas de papel com suas mãos grandes e mexiam nelas com impaciência. A sra. Dunbar e seus dois filhos permaneciam juntos, a sra. Dunbar segurava a tira de papel.

“Harburt... Hutchinson.”

“Vai lá, Bill”, disse a sra. Hutchinson, e as pessoas em volta riram.

“Jones.”

“Dizem”, o sr. Adams iniciou uma conversa com o velho Warner, “que no vilarejo ao norte estão falando em acabar com o sorteio”.

O velho Warner bufou. “Bando de idiotas”, respondeu. “Estão dando muito ouvido aos jovens. Para eles, nada está bom. Depois disso, imagine só, logo logo vão querer voltar a viver nas cavernas, ninguém mais vai trabalhar, vão viver assim... Costumava-se dizer: “Em junho, sorteio; colheita farta o ano inteiro”. No fim das contas, imagine só, nos alimentaríamos de ervas e bolotas. O sorteio sempre existiu”, concluiu, com arrogância. “Ruim mesmo é ver Joe Summers lá em cima, brincando com todo mundo.”

“Algumas cidades até já aboliram”, disse o sr. Adams.

“E só colheram problemas”, retrucou o velho Warner. “Bando de jovens idiotas.”

“Martin.” Bob Martin observou o pai avançando. “Overdyke... Percy.”

“Queria que isso terminasse logo”, a sra. Dunbar sussurrou para o filho mais velho. “Só queria que terminasse logo.”

“Está quase no fim”, o filho respondeu.

“Fique preparado para ir contar a seu pai.”

O sr. Summers chamou o próprio nome, deu um passo à frente e puxou

um papel da caixa. Depois, chamou: “Warner”.

“Já participei desse sorteio setenta e sete vezes”, disse o velho Warner, enquanto atravessava a multidão. “Setenta e sete vezes.”

“Watson.” Desajeitado, o rapaz alto cruzou a aglomeração. Alguém gritou: “Não fique nervoso, Jack”, e o sr. Summers: “No seu tempo, filho”.

“Zanini.”

Depois disso, houve uma longa pausa, uma pausa ofegante, até que o sr. Summers, segurando a sua tira de papel no ar, disse: “Muito bem, pessoal”. Por um minuto ninguém se moveu, e então os papéis foram abertos. Logo as mulheres começaram a falar, juntas, perguntando: “Quem foi?”, “Quem pegou?”, “Foram os Dunbar?”, “Os Watson?”. Então, algumas vozes começaram: “Foram os Hutchinson. Foi o Bill”. “Bill Hutchinson pegou.”

“Vá contar a seu pai”, disse a sra. Dunbar ao filho mais velho.

As pessoas começaram a olhar em volta, procurando os Hutchinson. Bill Hutchinson estava parado, imóvel, encarando o papel em sua mão. De repente, Tessie Hutchinson gritou para o sr. Summers: “Você não deu tempo suficiente para ele pegar o papel que queria. Eu vi! Isso não é justo!”.

“Seja uma boa jogadora, Tessie”, disse a sra. Delacroix, e a sra. Graves completou: “Todos temos a mesma chance”.

“Cala a boca, Tessie”, disse Bill Hutchinson.

“Bem, pessoal”, retomou o sr. Summers, “até que conseguimos ir rápido, mas agora precisaremos correr um pouco para terminar a tempo”. Consultou a lista seguinte. “Bill”, disse, “você sorteou em nome da família Hutchinson. Quem mais faz parte da família Hutchinson?”.

“Tem o Don e a Eva”, gritou a sra. Hutchinson. “Eles devem participar!”

“As filhas sorteiam com a família de seus maridos, Tessie”, sr. Summer explicou gentilmente. “Você sabe disso melhor do que ninguém.”

“Não é justo”, respondeu Tessie.

“Eu discordo.” Bill Hutchinson disse, com pesar. “Minha filha sorteia com a família do marido; isso é que é justo. E não temos mais ninguém além das

crianças.”

“Então, no sorteio entre as famílias, temos a sua”, explicou o sr. Summers, “e no sorteio dos membros da família, teremos todos vocês. Certo?”.

“Certo”, respondeu Bill Hutchinson.

“Quantas crianças, Bill?”, o sr. Summer perguntou formalmente.

“Três”, respondeu Bill Hutchinson. “Bill Júnior, Nancy e o pequeno Dave. E Tessie. E eu.”

“Certo”, encerrou o sr. Summers. “Harry, você pode pegar os papéis de volta?”

O sr. Graves assentiu e recolheu as tiras de papel. “Coloque-as na caixa”, ordenou o sr. Summers. “Pegue o papel do Bill e ponha aí.”

“Acho que devemos recomeçar”, disse a sra. Hutchinson, o mais baixo que pôde. “Eu acho que isso não é justo. Você não teve tempo para escolher. Todo mundo viu.”

O sr. Graves pegou cinco papezinhos e colocou na caixa, largando todos os outros no chão, deixando que a brisa os espalhasse.

“Ouçam, todos”, a sra. Hutchinson tentava falar com as pessoas em volta.

“Pronto, Bill?”, perguntou o sr. Summers, e Bill Hutchinson, depois de olhar de relance a sua esposa e filhos, confirmou com a cabeça.

“Lembrem-se”, recomeçou o sr. Summers, “peguem os papéis e mantenham com vocês, dobrados, até cada um pegar o seu. Harry, ajude o pequeno Dave”. O sr. Graves segurou a mão do menininho, que foi de boa vontade até a caixa. “Pegue um papelzinho da caixa, pegue”, disse o sr. Summers. “Harry, segure para ele”. O sr. Graves segurou a criança e tomou o papel dobrado da mãozinha fechada, guardando-o consigo enquanto o pequeno permaneceu à sua frente, encarando-o espantado.

“Nancy, sua vez”, chamou o sr. Summers. Nancy tinha doze anos de idade, e suas colegas de escola respiraram fundo quando ela se afastou, ajeitando a saia e deslizando graciosamente até a caixa. “Bill Júnior”, chamou o sr. Summers, e Billy, rosto vermelho e pés enormes, quase derrubou a caixa quando tirou o seu papel. “Tessie”, disse o sr. Summers. Ela hesitou por um minuto, olhando em volta como se desafiasse, então cerrou os lábios e

caminhou até a caixa. Agarrou um papel e segurou-o contra o corpo.

“Bill”, chamou o sr. Summers. Bill Hutchinson enfiou a mão na caixa e olhou em volta, segurando a última tira de papel que havia ali.

A multidão estava em silêncio. Uma garota sussurrou: “Espero que não seja a Nancy”, e sua voz aspirada alcançou todos os cantos da aglomeração.

“As coisas não eram assim”, disse o velho Warner, claramente. “As pessoas não eram assim.”

“Muito bem”, disse o sr. Summers. “Abram os papéis. Harry, você abre o do pequeno Dave.”

O sr. Graves abriu o pedaço de papel e ouviu-se um suspiro geral quando ele o mostrou à multidão e todos puderam ver que estava em branco. Nancy e Bill Júnior abriram os papéis ao mesmo tempo e sorriram, contentes, virando-se para as pessoas e segurando os papéis ao alto.

“Tessie”, chamou o sr. Summers. Houve uma pausa, e então o sr. Summers olhou para Bill Hutchinson. Bill desdobrou o seu papel e o mostrou a todos. Estava em branco.

“É a Tessie”, afirmou o sr. Summers, e silenciou. “Mostre-nos o papel da Tessie, Bill.”

Bill Hutchinson avançou em direção à esposa e tomou o papel da mão dela. Nele havia um ponto preto, o mesmo ponto preto que o sr. Summers fizera na noite anterior, a lápis, no escritório da carvoaria. Bill Hutchinson segurou-o sobre a cabeça e a multidão se agitou.

“Bem, pessoal”, disse o sr. Summers. “Vamos terminar isso logo.”

Embora os moradores já tivessem abandonado o ritual e perdido a caixa preta original, ainda usavam pedras. A pilha de pedras que os garotos fizeram mais cedo estava pronta; havia pedras pelo chão misturadas com os papéis abertos que voaram da caixa. A sra. Delacroix escolheu uma pedra tão grande que teve de segurar com as duas mãos. Virando-se para a sra. Dunbar, disse: “Vamos lá, anda logo”.

A sra. Dunbar tinha pequenas pedras em ambas as mãos, e disse, sem fôlego: “Não consigo correr. Vá na frente, eu alcanço você.”

As crianças já seguravam as suas pedras. Alguém dera pequenas

pedrinhas a Davy Hutchinson.

Tessie Hutchinson estava no centro de um círculo vazio, e estendia as mãos com desespero enquanto os moradores se aproximavam dela. “Não é justo”, ela disse. Uma pedra a atingiu do lado da cabeça.

O velho Warner incitava: “Vamos lá, vamos lá, todos”. Steve Adams estava na frente da aglomeração, ao lado da sra. Graves.

“Isso não é justo! Isso não está certo!”, gritou a sra. Hutchinson, e toda a multidão avançou.

